

O DESENVOLVIMENTO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A INDÚSTRIA EDITORIAL BRASILEIRA

Ferdinando Bastos de Souza

Descreve a situação editorial brasileira da atualidade comparando-a ao crescimento populacional e, focalizando fatores responsáveis pela baixa produção editorial.

Referência a um anteprojeto para criação, edição, produção, desenvolvimento do hábito de leitura, comercialização, preservação e utilização dos livros editados no Brasil.

Pela primeira vez tenho a honra de falar num Congresso de Biblioteconomia, no qual represento a classe editorial brasileira, através incumbência do Sindicato Nacional de Editores de Livros e da Câmara Brasileira do Livro.

Inicialmente, torna-se necessário que afirme, desde já, a importância que nós, editores, conferimos a este Congresso e as medidas, proposições e diretrizes que dele decorrerão, como resultado dos seminários que aqui estão sendo realizados.

Por este motivo, senhores bibliotecários, estamos e estaremos atentos às recomendações que emanarem deste conclave: é que temos em mente, com bastante lucidez, o grande elo que une bibliotecários e editores, e que nos impulsiona, ainda que com algumas diferenciações, para um objetivo comum: o Livro.

Não estaria incorrendo em erro — penso eu — ao afirmar que bibliotecários e editores consideram o livro como o meio eficaz e indispensável para preservar e divulgar o legado cultural de um povo e de toda a humanidade.

E entendo que estejamos unidos em compromisso eivado no espírito de confiança recíproca, a fim de apresentar soluções e criar condições para a efetivação de uma política nacional do livro, que possa ser válida como instrumento eficaz, no processo de desenvolvimento do país.

No diálogo com outras classes cujas atividades estão vinculadas ao livro, devemos e queremos distinguir, em nosso respeito e apreço pelo muito que contribuem para a defesa da civilização escrita, os bibliotecários. Vimo-los, no passado distante, eruditos, cultos, guardando na memória do amor o lugar que cada livro ocupava na estante. Num passado mais recente, coube aos bibliotecários uma rica herança humanista aliando-a aos conhecimentos técnicos, através da utilização de códigos e sistemas. E já podemos saudar a geração que se vale de computadores e de todo um processamento tecnológico que muito aperfeiçoa, já o sabemos, a velocidade no fornecimento das informações, mas que jamais deverá abolir o ser humano do comando desse processamento.

Se esta é a imagem que os editores têm dos bibliotecários, não acredito que seja menos válido perguntarmo-nos: qual a imagem que os bibliotecários fazem dos editores?

A de um comerciante que procura, tenazmente, dentro de uma bibliografia de muitos títulos editados, acertar pelo menos com um único “best-seller”?

Como imagem caricata, nós até a aceitamos, embora ressalvando que, infelizmente, até hoje ainda não foi descoberta a fórmula segura de se fazer um “bestseller”. (Apenas para fornecer um pequeno subsídio à composição dessa imagem do editor, eu repetiria a seguinte sugestão, que se faz no comércio de livros: se os livros sobre Lincoln são sempre “best-sellers” e se o são também os livros sobre médicos e sobre cachorros, por que alguém não escreve um livro, que será fatalmente um “best-seller”, sobre o cachorro do médico de Lincoln?).

Porém, retomando, à realidade — que não precisa e nem deve ser empossada, mas que, de certa forma, é grave — o editor, num rápido perfil, é aquela pessoa que tem uma aguda e inarredável consciência dos problemas que afligem a indústria do livro (e tais problemas vamos enumerá-los e comentá-los nesta palestra), mas que não se retira deste tipo de atividade. E por que não se retira? — cabe a pergunta. Por obstinação? Por incapacidade de transferir-se para outro ramo do empresariado nacional? Por uma crença tenaz na permanência do Livro?

Será por tudo isso. E aí nossos caminhos — bibliotecários e editores — se bifurcam, transformando-se num único caminho: pois que para nós nada substitui esta porfiada e fascinante luta que é colocar o livro nas mãos do leitor. É a vitória do benefício social sobre o resultado econômico, perguntariam alguns? Não; mas o resultado econômico é apenas uma forma de medir o sucesso do objetivo social.

No entanto, não estamos iludidos e nem desconhecemos os vários tipos de problemas que enfrentamos em nosso trabalho como editores.

Embora não querendo dar uma ótica pessimista a esta palestra, mas tão somente levantar a realidade existente, temos que considerar que, no concerto in-

ternacional, o Brasil ocupa, como produtor de livros, uma situação aquém de suas potencialidades. Se tivermos em mente que o nosso país é o 7º mais populoso do mundo, que pertence ao 8º bloco lingüístico mais falado, por outro lado somos compelidos a reconhecer que o Brasil, na produção mundial de livros, acha-se em posição inferior a países com população menor, e pertencentes a blocos lingüísticos fechados, como a Turquia, a Romênia, a Finlândia.

A população brasileira duplicou nos últimos anos, duplicou-se o número de escolas de todos os níveis de ensino e melhorou sensivelmente o padrão de vida das classes média e operária, mas o livro brasileiro não acompanhou tal transformação e crescimento.

E por que o livro brasileiro não acompanhou o desenvolvimento nacional em geral, e, notadamente, o educacional?

Examinemos, logo de início, o problema das tiragens. Sabemos todos que, no processo industrial, a queda do custo unitário está na razão direta do aumento do volume da produção. No entanto, apesar da qualidade reconhecida do livro brasileiro, com exceção apenas de algumas obras traduzidas e de alguns livros didáticos, principalmente os co-editados, enfrentamos o problema de muitos livros com tiragens baixas, e, conseqüentemente, de altos custos.

Antes mesmo que os efeitos da crise monetária internacional atingissem, de uma forma ou de outra, em maior ou menor grau, todos os setores de atividades, a indústria editorial já vinha sofrendo as conseqüências da primeira grande crise mundial de matéria prima: refiro-me à escassez e ao violento aumento do custo de papel para impressão, cujos preços triplicaram nos últimos tempos.

Poderia discorrer ainda sobre o problema gráfico, porém julgamos todos que mais importante, difícil e urgente é criar empresas e instituições que garantam a circulação do livro, incentivar autores e editores, fomentar a produção, criar e manter bibliotecas, e, sobretudo, incentivar o hábito de leitura.

Não é suficiente escrever e imprimir livros — mas principalmente colocá-los nas mãos de cada leitor.

No entanto, em termos de uma rede distribuidora de livros, sabemos que o Brasil conta com pouco mais de 200 livrarias, no sentido exato do termo. Computando-se bazares, papelarias e outros eventuais pontos de venda, o total não alcança 1.400. Neste total incluem-se 300 livrarias, cujo movimento maior é de jornais e revistas, que somente vendem obras de sucesso momentâneo e livros didáticos por ocasião da época escolar.

O problema do acesso ao livro, com o desafio das dimensões continentais do nosso país, é também enfrentado pelos editores brasileiros, 90% localizados no

eixo Rio-São Paulo. Desta forma, não podem os editores contar com meios de transporte econômicos, como seriam as vias férreas e marítima. Pelas próprias características da atividade editorial-livreira, a maior parte dos pedidos dos distribuidores e livreiros é feita em caráter de urgência — quando se evidencia a demanda — e, assim, as remessas devem ser feitas por empresas rodoviárias, por ônibus, e, até, por via aérea, o que representa despesa ponderável. Este panorama, que nos conduz ao que poderíamos chamar de um “estrangulamento” da distribuição do livro, no Brasil, apresenta o seu reflexo, como tantos outros, no hábito de leitura.

Na verdade, muitos dos problemas que enumeramos até agora e que afetam a vida do livro, se aguçam e dificultam nossas atividades de editores e bibliotecários, certamente porque a demanda oriunda do hábito de leitura é tão pequena que não nos apóia no sentido de encontrarmos as soluções. O que desejo dizer é que a pressão decorrente do número de leitores não só determina uma tiragem mais ampla — o que incide num custo unitário mais baixo, evidentemente, barateando o preço do livro — como também provoca a multiplicação dos pontos de venda do livro, a justa remuneração ao trabalho do autor, uma distribuição efetiva do livro no território nacional.

Na recente pesquisa sobre “A Função Social do Livro na Atual Realidade Brasileira”, encomendada pelo Sindicato Nacional de Editores de Livros e Câmara Brasileira do Livro ao Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, verificamos que no levantamento feito em 6 grandes cidades brasileiras o aluno do 2º grau é centrado na vida doméstica, onde “à noite se vê televisão”. O uso regular do livro se apresenta com uma percentagem de 39,3% dos informantes, indicando assim um afastamento da leitura de livros numa população a um passo da vida universitária.

Num grupo de universitários de São Paulo, verificou-se que apenas 66% declararam ter lido no dia anterior ao questionário. E por leitura, se entenda a de jornais e revistas também, juntamente ao livro. A medida de tempo dedicada à leitura, indicada por universitários, demonstra ser baixa com relação ao que se poderia esperar, ainda mais que outras pesquisas indicaram uma média de 2 a 3 horas diárias assistindo a televisão.

Diante dos problemas aqui apenas aflorados não podemos ter dúvidas que necessitamos propor, em conjunto, medidas para o desenvolvimento de programas do livro, medidas estas que sejam válidas e adequadas ao desenvolvimento do país como um todo. O objetivo maior será chegar a um documento que consolide uma política nacional do livro, que possa atuar, como instrumento eficaz, no processo de desenvolvimento econômico e social do país.

Se não temos dúvida — e de fato não temos dúvida — de que para a formação de leitores um dos fatores mais importantes é a existência de uma ampla re-

de de bibliotecas públicas, este é um ponto pelo qual editores e bibliotecários estiveram e estarão unidos, para ensinar não somente a criação desse tipo de bibliotecas, mas também para a sua manutenção.

Nos Estados Unidos há para mais de 80.000 bibliotecas infanto-juvenis, o que, por si só, explica o gigantismo do ramo editorial naquele país, as enormes tiragens e os preços relativamente baixos.

Ainda neste sentido convém recordar a atuação de países culturalmente desenvolvidos, como o Reino Unido. A conhecida dedicação do povo e do governo britânicos à cultura se reflete, entre outros aspectos, nas bibliotecas. As numerosas bibliotecas universitárias somam mais de 23.500.000 volumes. Só de bibliotecas públicas dispõem de mais de 10.000 locais de atendimento e totalizam mais de 100 milhões de livros.

As origens britânicas na formação cultural do povo norte-americano refletiram-se também no papel desempenhado pelas bibliotecas do seu país. Segundo as estatísticas do “Bowker Annual”, os Estados Unidos dispenderam, no ano de 1968, a importância de US\$ 91.1 milhões em bibliotecas públicas, US\$ 125.5 milhões em bibliotecas universitárias e US\$ 175.03 milhões em bibliotecas escolares.

No Brasil, vemos e aplaudimos a ação do Instituto Nacional do Livro, conjugando e vinculando o desenvolvimento do seu Programa Nacional do Livro Didático ao surgimento e suprimento das bibliotecas públicas e universitárias. Esta atividade se desenvolve no momento em que o Governo Federal se preocupa com a qualidade dos livros de todos os níveis, patrocinando suas co-edições através do INL.

Acredito que tanto ou mais do que os editores, entendem os bibliotecários que, num país como o Brasil, cujo povo possui limitado poder aquisitivo e tampouco tem o hábito de ler, a Biblioteca Pública não mais pode ser considerada somente como um órgão de consulta para eruditos ou mesmo o local que só possuía atrativo para intelectuais, ou aqueles marcados pela vocação literária. Entendemos e sabemos que nossas bibliotecas públicas devem ser, sobretudo, um complemento da escola, possuindo em seu acervo livros didáticos e paradidáticos, livros de referência necessários aos estudantes de cada região. Entendemos que a Biblioteca Pública também deverá ser o local onde o homem deve encontrar, através do livro técnico, a oportunidade para melhorar o seu “status” econômico.

Julgamos, ainda, que não se poderá determinar para cada município o mesmo tipo de biblioteca pública.

Acreditamos também que uma política de seleção de livros para as Bibliotecas Públicas deva ser estabelecida: a colocação de obras no acervo da biblioteca deve levar em conta não só o desejo, como também a necessidade do usuário.

Creio que cabe a pergunta: até que ponto o abandono desta consulta ao leitor sobre o livro que quer ou precisa ler não é responsável por vermos muitas de nossas bibliotecas desertas, abandonadas pelos usuários em potencial?

Finalmente, é preciso declarar que a existência de uma rede de bibliotecas públicas, com verbas adequadas e pessoal habilitado, que equivalerá à atuação de consumidores institucionais, garantirá uma substancial porcentagem de **consumo garantido** de boa parcela da tiragem. Este é um tipo de mercado que pode baratear o preço do livro, desde que, o editor sabendo que pode aumentar a tiragem, pois as bibliotecas públicas representarão uma parcela do referido consumo garantido.

Sabemos todos que a uma Biblioteca Pública, para ter um funcionamento efetivo, atraindo os leitores da comunidade a que serve, não basta ter um local confortável, tranqüilo, ou um acervo bem planejado, que levou em conta as necessidades de sua clientela: a dinamização dessa Biblioteca será uma realidade na medida em que o bibliotecário por ela responsável estiver não apenas còncio do papel que desempenha, mas também apto, por sua formação profissional, a desempenhar esse papel.

E creio não haver discrepância de opiniões, ao se afirmar que o bibliotecário de uma Biblioteca Pública é, também, um **animador cultural** da comunidade a que serve.

Não importa que o seu instrumento de trabalho, por excelência, seja unicamente o Livro, desde que o Livro é, por sua vez, o caminho para o conhecimento de todas as artes.

E se tivermos em conta que vivemos uma época em que a Educação Permanente é o anseio das várias camadas sociais de um povo, podemos indagar — já com a antecipação da resposta — qual o órgão mais apto a atender essa busca da Educação Permanente do que a Biblioteca Pública, que oferece a oportunidade da democratização da vida cultural, seja através do acesso da população aos bens culturais, seja através da formação indispensável dos conhecimentos, instrumentos e meios postos em uso pela prática cultural, seja pela participação ativa de cada um, na medida de suas possibilidades (e não apenas de seus meios) no desenvolvimento cultural.

Sabemos que a Biblioteconomia brasileira se esforça por suprir a Biblioteca Pública do interior com recursos humanos adequados. Acompanhamos, com viva esperança, os esforços do Conselho Federal de Biblioteconomia, dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia, da Federação de Bibliotecários Brasileiros, das Associações de Bibliotecários e do Instituto Nacional do Livro, no sentido de dotar as Bibliotecas Públicas interioranas com pessoal adequado à clientela mais necessitada de livros de nosso país.

Por outro lado vivemos uma época em que a geração contínua de informações, implica numa permanente seleção dessas informações, racionalização da sua estocagem e no seu uso, e aqui cabe uma palavra sobre a conveniência e a necessidade de incentivarmos a criação de bibliotecas em indústrias, nos centros comerciais e nas associações de classe que podem colaborar enormemente com os programas de desenvolvimento de pessoal através a manutenção de bibliotecas especializadas e de acesso não só aos seus funcionários e associados, mas também à comunidade a que pertencem, contribuindo para uma perfeita integração empresa e comunidade.

Tendo em vista os problemas do livro brasileiro, como já foi dito antes, apenas aflorados nesta palestra, desejo informar, em nome da classe editorial brasileira, que apresentaremos, em futuro bem próximo, para consideração e estudo das autoridades competentes, um anteprojeto referente às atividades de criação, edição, produção, desenvolvimento do hábito de leitura, comercialização, preservação e utilização dos livros editados no Brasil.

O referido anteprojeto que, certamente, merecerá ampla discussão de todas as categorias profissionais vinculadas ao Livro, não poderia omitir importantes aspectos que interessam, de perto, aos bibliotecários brasileiros. Assim é que antecipamos à classe aqui tão maciçamente representada, o parágrafo em que sugerimos:

“... a dotação de recursos técnicos e financeiros suficientes para criar e fixar hábitos de leitura, assegurar recursos para que os estudantes de 1º grau e 2º grau possam dispor dos livros necessários; assegurar satisfatório desenvolvimento das bibliotecas de pessoas físicas e jurídicas, de bibliotecas públicas e escolares, com o aumento e atualização constante de seus acervos, bem como assegurar a ampliação e aperfeiçoamento dos serviços nacionais de bibliografia e documentação”.

E concordamos com os bibliotecários ao propor a criação do Conselho Nacional de Bibliotecas, bem como, o Serviço Nacional de Bibliotecas, órgãos que estarão voltados, caso haja concordância no que vamos propor, exclusivamente para fomentar o desenvolvimento dos programas de bibliotecas em nosso país.

Bibliotecários brasileiros: a vinda a Brasília de mais de mil bibliotecários, dos mais diversos pontos do território nacional, atendendo ao chamamento deste Congresso, evidencia, por si só, a maturidade e coesão da classe biblioteconômica.

O nível e a diversificação dos cursos que aqui estão sendo realizados, durante o 8º Congresso, com professores de alto nível, quer no plano nacional quer no internacional, incluindo desde “Planejamento Bibliotecário” - de permanente e vital importância - até a recente “Bibliometria”, para só enumerar dois cursos, entre muitos outros, de igual importância, atestam como os bibliotecários brasileiros estão conscientes da necessidade de se manterem atualizados, sobre/tudo nessa ciência em constante e dinâmico desenvolvimento, que é a ciência da informação.

Por outro lado, se não tivéssemos motivos — e os temos, graças a Deus! — para acreditar na permanência do livro, não obstante o “choque do futuro”, a maturidade, a consciência e o espírito de união da classe biblioteconômica, dos quais este 8º Congresso é prova exuberante e sobeja, terminariam por nos convencer de que somente de forma muito remota poderia o Livro ser substituído, quando tem a seu serviço não apenas excelentes profissionais, mas também ativos divulgadores.

Porque entendo que não basta preservar, mas também é preciso divulgar. Estaria eu incorrendo numa heresia, como leigo que sou, em matéria de biblioteconomia, ao afirmar que tão ou mais importante do que ter um livro catalogado e classificado na estante, numa biblioteca pública, é divulgar, junto à comunidade, que esse livro existe na estante e está à disposição de todos que possam dele necessitar? Por certo, não!

Diria mais, que os princípios básicos que devem nortear a formação de nossas bibliotecas, por excelência, fonte democrática do saber, são:

1. informar para formar,
2. facilitar o acesso a todas as fontes de informações, sejam culturais, sociais ou comerciais,
3. incrementar o espírito de brasilidade de nossa gente, através o conhecimento de suas raízes históricas, de sua evolução, de seu desenvolvimento e de suas possibilidades futuras,
4. cultivar o hábito sadio da leitura, como uma das mais indicadas aplicações do lazer,
5. desenvolver o espírito de criatividade através do hábito da pesquisa.

Antes de dar como encerrada esta palestra, quero cumprimentar, em nome dos editores brasileiros, a Comissão Organizadora desse 8º Congresso, bem como sua Presidência e associações da classe bibliotecária, que - sabemos - há longo tempo vem trabalhando, silenciosamente, para que este conclave culminasse no exemplar Congresso que todos reconhecemos.

Creiam, Senhores Bibliotecários, que não foi apenas um motivo de orgulho para nós, editores, e para mim, pessoalmente, como Vice-Presidente do Sindicato Nacional de Editores de Livros, participar deste 8º Congresso: esta modesta participação, nós a entendemos como o estabelecimento de mais uma etapa no relacionamento entre bibliotecários e editores, perseguindo objetivos comuns.

Abstract

Describes the brazilian editorial situation of our days comparing it to the populational increasing. Reference to a project for edition, production and utilization of the books edited in Brazil.